

A MINHA LEMBRANÇA DE PAULO FREIRE

Tínhamos por hábito, Paulo e eu, de falarmos às tardes. Nos anos sessenta quando ele chegara ao Chile, vindo da prisão, perseguido e enviado para o exílio pela Ditadura do seu País, Brasil. Era no ORMEU, esse organismo para a regionalização do saber social. O Paulo tinha só uma mania: não permitir que houvesse um gravador em frente dele quando falava. Mania fácil de entender: a sua prisão e julgamento eram resultado de fitas gravadas das suas aulas, quando tentava democratizar o ensino. Entendo bem.

Anos mais tarde, eu ia desenvolver uma mania com as moscas, essas que, na minha visita ao Chile nos anos setenta, apareciam depois das minhas idas e vindas entre campo de concentração e prisão domiciliária. Campo e moscas, das quais o Paulo nunca falava, porque não sabia; nem eu. Mas sabia de educação, e eu não. Eu era um jovem advogado de 24 anos, com amor a Malinowski e aos diálogos com os estudantes. Ele tinha uma teoria que seduzia e que era capaz de manter os estudantes, hora após hora, sem cansaço. Neste original Paulo diz:

«Raul, quanto mais estudamos as relações entre docente e discente, na escola, para além de escalonarem qualquer um dos seus níveis, mais podemos perceber de que estas relações representam um carácter especial e marcante, essas de serem dissertadas: os factos são narrados às crianças, na escola ou fora da escola. Essas narrações tendem a petrificar-se, a serem mortas nos seus valores ou dimensões empíricas da realidade. Esta relação implica uma pessoa activa, o narrador, e outro paciente, os ouvintes. Há

Assim, quanto mais estudamos as relações entre docente e discente, na escola, para além da escuridão que há em qualquer um dos lados, mais podemos perceber de que estas relações representam um envolver espiritual e marcante, essas de serem discutidas. Os fatos são narrados às crianças, na escola ou fora da escola. Essas narrações tendem a perpetuar-se, a serem feitas nos seus valores e dimensões explícitas da realidade. Esta relação implica uma pessoa activa, o narrador, e outro paciente, os ouvintes. Há quase uma experimentação da narração, sua característica é principalmente esta: narrar, narrar, sempre narrar, falar da vida como algo passado, parado, estático, compartimentado e bem comportado, e de algo alheio à experiência dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua ânsia. O educando aparece como o seu agente, como o seu sujeito, cuja tarefa indeclinável é encher os estudantes dos dentes de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade, desenhados da totalidade em que se engastam e em cuja visão ganham significação. A palavra se esvazia da dimensão concreta que do narrar ou se transzoma em palavra sua, em veracidade alterada e alienada. Das que seja mais sem que significação e, assim, melhor seria não dizê-la. A narração vira, como os educandos em vasilhas. A exclusão se torna um acto de depositar e a ansia banaliza da educação.

quase uma enfermidade da narração, sua característica é principalmente esta narrar, narrar, sempre narrar. Falar da vida como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, e de algo alheio à experiência dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua ânsia. O educador aparece como o seu agente, como o seu sujeito, cuja tarefa indeclinável é encher os estudantes dos dentes de sua narração. Conteúdos que são retalhos de realidade, desconcertados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganharam significação. A palavra se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Dai que seja mais som que significação e, assim, melhor será não dizê-la. A narração transforma os educandos em vasilhas. A educação se torna um acto de depositar, é a visão bancária da educação.

Eis o que Paulo Freire escreveu nessa folha, em 1966, na minha partida para a Grã Bretanha e a sua solidificação no exílio. Bem acolhido no Chile, não conseguia esquecer a sua terra nem as dores da prisão, prisão essa que continuava no andar pelas ruas, na doença da sua mulher, na contestação dos seus filhos, que o achavam culpado de estarem separados. E, Paulo Freire, em silêncio, chorava. E, enquanto chorava, cremava, escrevia. Foi ao ICRA, o Instituto que começou com o ensino para reforma agrária, o fim do Chile democrático mais tarde, e que Paulo e eu empurramos, ao retirar das cabeças das pessoas, a sua experiência e a sua ciência. Essa que eu, até hoje, não tenho deixado de praticar. Porque o Paulo disse que eu seria antropólogo e eu aprendi a ouvir, em primeiro lugar, a ele próprio. Como digo no meu artigo. Como sei fazer com os ouvintes, que nem sabem que o Paulo Freire repetia: com todo um grupo a debater, somos nós a aprender.

Raúl Iturra
Parede, Portugal – 1998 04 01
Santiago do Chile – 1965
Talca, Chile, 1972